

REVISTA CICEP
EVOLUÇÃO

MAIO DE 2023 V.2 N.5



DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/05/2023

**"O homem saudável é
aquele que possui um
estado mental e físico em
perfeito equilíbrio."**

Hipócrates



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 5

Maio 2023

Publicação

Mensal (maio)

SL Editora

Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 2, n. 5 (2023) - São Paulo: SL Editora, 2023 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/05/2023

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

ALFABETIZAÇÃO: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Joana Batista de Souza.....4

A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Adriana Maria Viana.....17

ALFABETIZAÇÃO: UMA RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM

Joana Batista de Souza

RESUMO

A alfabetização é o processo em que o aluno se apropria do ensino e da aprendizagem. A escola é o principal espaço para a busca do conhecimento, em que ocorre a intervenção pedagógica, e a função do professor é ser um mediador do conhecimento. Com seu auxílio, precisa acontecer a aprendizagem significativa dos alunos. No entanto, sabemos que não é apenas na escola que o aluno aprende.

Palavras-chave: escola, alfabetização, criança.

O processo de alfabetização depende, também, do ambiente familiar no qual o aluno está inserido, pois, mesmo antes de iniciar sua vida escolar já possui conhecimento de leitura do mundo por meio de jornais, revistas, livros, mídia, internet e até mesmo nas ruas (panfletos, placas de sinalização, entre outros), ou seja, os símbolos e as letras que a criança vê podem não ter significado, mas, ao chegar à escola, o contato com a linguagem escrita possibilita a ela compreensão sobre o significado das palavras, isso decorre por intermédio das práticas de alfabetização que estimulam a leitura e a escrita.

Alfabetizar é possibilitar que o aluno tenha conhecimento não só das letras, mas, do significado, a fim de compreender o que está escrito, pois, mediante aquisição e produção de conhecimento, são obtidas outras formas de linguagem. É importante proporcionar ao aluno contato com diversos tipos de leitura, seja ela de qualquer texto e gravuras, fazendo com que desperte sua imaginação e criatividade.

Portanto, o processo de alfabetização só ocorrerá quando o aluno souber ler, escrever, interpretar e elaborar produções de texto simples ou complexo, com eficiência e qualidade. Esse processo tem seu início na

alfabetização e estende-se por toda a vida, pois a alfabetização não se esgota na aprendizagem da escrita, leitura, matemática, abrange todas as linguagens, por isso que o papel do professor alfabetizador é de extrema importância. A realização da alfabetização, em sentido amplo, depende da postura do professor, de sua atitude em relação aos alunos nas mais diversas situações.

É de suma importância o professor ampliar seus conhecimentos e mediar os alunos, de modo que estes exponham suas preferências, dificuldades ortográficas, interpretem e produzam textos compreensíveis, tornando-se sujeitos ativos, autônomos e participantes no mundo e no contexto social no qual estão inseridos.

O professor tem de refletir sobre sua ação pedagógica e analisar como se processa o trabalho de alfabetização que é realizado na perspectiva do letramento. Conforme observam Castanheira, Maciel e Martins (2009):

Acreditar que é possível alfabetizar letrando é um aspecto a ser refletido, pois não basta compreender a alfabetização apenas como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas. (CASTANHEIRA, MACIEL E MARTINS, 2009, p. 16)

No decorrer do ano letivo, o professor indaga-se, reflete, discute consigo mesmo e depara-se com os desafios de trabalhar com a alfabetização, na grande diversidade da sala de aula; isso significa ensinar diferente a ler e escrever para alunos diferentes. Refletir sobre as ações pedagógicas no espaço da alfabetização é perceber em que medidas se articulam e se entrelaçam as dimensões sociais, culturais e individuais, pois o conhecimento evolui e se transforma de acordo com o movimento histórico de cada sociedade. Desse modo, também a alfabetização e o letramento se desenvolvem de acordo com a dinâmica das relações existentes na sala de aula, vinculados a vida dos alunos. Com relação a esse tema, Kramer (2010) contribui ao enfatizar:

É verdade que as condições de vida da grande maioria das crianças das classes populares são muito precárias, e a transformação dessa situação é urgente. É certo que a escola não tem o poder de mudar essa situação. Mas, por outro lado, não é possível continuar apenas reclamando das crianças. Será que não conseguimos encontrar

novas maneiras de trabalhar com essas crianças que aí estão? [...] Encontro muitas dificuldades ao procurar agir dessa forma, mas acontece que estou cansada de apenas acusar as crianças e suas famílias, pelos problemas que tem na escola. (KRAMER, 2010, p. 111-112)

Na fase de alfabetização, a criança necessita de apoio, auxílio e orientação de um adulto para aprender. Percebe-se então, a necessidade de o professor conhecer a realidade social e cultural do aluno, a fim de contribuir para a alfabetização significativa para que o aluno compreenda a importância de saber ler e escrever em nossa sociedade.

Portanto, no processo de alfabetização, as interações entre professores, família e alunos fazem a diferença. A mediação das ideias e experiências com o outro pela palavra, pela autonomia de vez e voz, traz a perspectiva de um trabalho diferenciado e repercute em ações que contribuem significativamente no desenvolvimento da leitura e da escrita.

A alfabetização e a aprendizagem dos alunos ocorrem de forma processual e efetiva durante o primeiro, segundo e o terceiro ano. Nesse sentido, não adianta culpar o professor da série anterior, é preciso, sim, observar o que é necessário fazer na realidade atual do aluno, uma vez que não aconteceu durante o processo dos diferentes anos. Para tanto, o professor precisa considerar em suas atividades docentes a diversidade, as particularidades etárias, sociais e psicológicas e o ritmo próprio de cada um. Considerar, também, que a reprovação nunca foi nem será sinônimo de aprendizagem.

De acordo com Seber (2009, p. 26), “o ritmo próprio de cada criança para aprender pode variar tanto quanto a qualidade das estimulações propiciadas pelo meio social em que ela cresce.” O professor precisa, então, buscar novas metodologias e teorias que deem conta de tal diversidade em sala de aula, caso contrário, as dificuldades vivenciadas pelos alunos na alfabetização se arrastarão durante toda vida escolar, ou seja, dos anos iniciais até o ensino médio.

Enfatizamos a necessidade de o professor pensar em maneiras diversificadas de trabalhar a alfabetização, com atividades organizadas de tal modo que a leitura e a escrita tenham diferentes formas de representação infantil tanto lúdica como textual, como forma de chamar a atenção dos alunos.

Também, o professor necessita conhecer, avaliar e interagir com as ideias e as ações que os alunos estão desenvolvendo durante a atividade de leitura e escrita.

Oportunizar alternativas viáveis que atendam às necessidades desses alunos, fazendo com que, aos poucos, eles vão mudando sua maneira de agir, o momento certo de falar, de ouvir e de brincar. Alunos são também sujeitos ativos de aprendizagem, cabe ao professor o importante papel de líder e facilitador desse processo, criando condições que favoreçam o ensinar e o aprender na alfabetização.

Cagliari (1998, p. 188) enfatiza que “os alunos vão aprendendo que precisam cuidar não só da ortografia, da clareza e da beleza gráfica das letras, mas também da maneira como as palavras são colocadas no papel, dos sinais de pontuação e das demais marcas da escrita”. De acordo com Kramer (2010, p. 98):

Alfabetizar não se restringe à decodificação e à aplicação de rituais repetitivos de escrita, leitura e cálculo. A criança não compreende as situações que a rodeiam, não identifica os objetos e se expressa de várias formas antes de falar? Similarmente, diversas tentativas de produção da escrita e diversificadas experiências de ler antecedem a leitura/escrita da criança. (KRAMER, 2010, p. 98):

Para que a alfabetização ocorra de fato, é primordial que o professor, em sua prática pedagógica, explicita o significado de saber ler e escrever para a vida do aluno, uma vez que nós, seres humanos, aprendemos e desenvolvemos tudo o que tem significado para nossas vivências. O uso adequado dessa prática faz com que a criança veja a escrita e a leitura como algo natural e necessário e não apenas um dever ou uma tarefa.

O processo de alfabetização é desafiador, tanto para o discente, que está sendo alfabetizado, quanto para o docente, a quem incube a responsabilidade de alfabetizar. A concepção de alfabetização assumida neste estudo se referenda em Cagliari (2008, p.05) que a explica como “aprendizagem da escrita e da leitura”, ou seja, a “codificação” e a “decodificação” da escrita.

Mesmo que essa forma de pensar a alfabetização pareça simples, há muitos desafios enfrentados pelo professor para que o estudante compreenda esse processo. Conforme Miriam Lemle (2009) antes de ocorrer a atividades de

alfabetização, o aprendiz necessita construir alguns conceitos. O primeiro é pensamento simbólico, ou seja, é preciso relacionar os sons da fala com as letras do alfabeto, dessa maneira o professor alfabetizador desenvolve atividades para que a criança “consiga compreender o que seja relação simbólica entre dois objetos” (LEMLE, 2009, p.8). Esse processo exigirá muito empenho do professor, além de tempo para que esse pensamento seja construído.

O segundo requisito para alfabetização é a criança ser capaz de poder diferenciar as letras. Existem letras no sistema alfabético que tem sons parecidos, logo, o professor precisa explicar para as crianças que as letras não são parecidas com os objetos do cotidiano:

Note que os objetos manipulados em nosso dia a dia não se transformam ao mudarem de posição [...]. Mas um b com a haste para baixo vira p e um p virado para o outro lado vira q. [...] A criança que não leva em conta conscientemente essas percepções visuais finas não aprende a ler. (LEMLE, 2009, p.8)

Há ainda a necessidade de trabalhar a organização espacial da escrita, o educando precisa compreender que, no sistema alfabético, se escreve da esquerda para direita e de cima para baixo. Para isso, o professor pode “colocar pequenos textos na pedra, [...] apontando para as palavras correspondentes à medida que a recitação vai prosseguindo” (LEMLE, 2009, p.15), desse modo a criança pode memorizar a ordem da escrita e transpor isso no papel.

Para Ferreira (2011) há a necessidade de oportunizar a escrita para as crianças mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização, mesmo que ela ainda não saiba. Essas tentativas de escrita permitem que a criança elabore hipóteses e aprenda sobre o funcionamento e a utilidade do sistema alfabético. Após lidar com os problemas de percepção da criança, se inicia a alfabetização. Primeiramente o professor precisa ter clareza de que o processo de aprendizagem é diferente para cada discente:

O próprio conjunto de conhecimentos construídos anteriormente ao ingresso à escola não é uniforme. Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem

escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos. (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.90)

Assim, o docente deve diagnosticar como ocorreu os caminhos de aprendizagem da criança e seus entendimentos sobre a língua escrita. Ferreiro (2011) aponta que as hipóteses elaboradas pelas crianças sobre a escrita alfabética seguem uma evolução:

- a) Hipótese Pré-silábica: a criança sabe diferenciar imagens de letras e palavras, porém acredita que existe uma relação entre as formas gráficas da escrita e seus significados. Com essa lógica ocorre com a criança o realismo nominal em que se acredita que as palavras têm relação com as características dos objetos que elas representam;
- b) Hipótese silábica: se estabelece relação entre a escrita e a fala, no qual a criança corresponde a cada sílaba falada com uma letra, sem as repetir. Existe dois eixos nessa fase, o quantitativo e qualitativo. No quantitativo a criança relaciona as sílabas com letras aleatórias, ou seja, as letras são usadas sem conceber seu valor sonoro, essas letras são, geralmente, as letras que compõem o nome da criança. No eixo quantitativo, as crianças usam as letras, geralmente vogais, conforme seu valor sonoro convencional;
- c) Hipótese silábica-alfabética: nesse período a criança se prepara para construir um novo processo de escrita, pois o processo silábico se desestabiliza progressivamente quando a criança descobre que uma sílaba é formada por elementos menores;
- d) Hipótese alfabética: ocorre a compreensão do sistema de escrita, no qual a criança consegue identificar e construir palavras, pois reconhece os fonemas da língua.

Como os educandos possuem níveis de aprendizagem e necessidades diferentes, o professor possui mais um desafio: atender à todas as demandas que a turma oferece e escolher as melhores atividades para cada aprendiz. “Se, além disso, soubermos atuar com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os, teremos construído um belo perfil

conquanto professor (a) alfabetizador (a).” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.91)

Para desenvolver as atividades que favoreçam ao estudante o alcance da hipótese alfabética, o docente precisa encarar também os desafios linguísticos do processo de “codificação” e “decodificação”. Para isso, é preciso o desenvolvimento da consciência fonológica, esse termo é usado para designar a “capacidade humana de reflexão consciente sobre a linguagem que exige conjuntos de habilidades com níveis de complexidade variados” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.75).

Miriam Lemle (2009) também menciona sobre a relevância da criança ter consciência dos sons da fala e destaca a importância de ouvir atentamente, pois “se as letras simbolizam sons da fala, é preciso ouvir diferenças linguisticamente relevantes entre esses sons, de modo que se possa escolher a letra certa para simbolizar cada som” (LEMLE, 2009, p. 09).

Posteriormente, é necessário saber separar as palavras conforme seu conceito, “o tipo de dificuldade na depreensão de unidades vocabulares que se observa muitas vezes na prática de ensino são coisas como ‘umavez’, ‘minhavó’, ou seja, falta de separação onde existe uma fronteira vocabular” (LEMLE, 2009, p. 11).

Moraes, Albuquerque e Leal (2005) propõe para cada nível uma atividade de consciência fonológica que ajudam os educandos a avançarem em suas hipóteses. Para uma criança superar o realismo nominal, característica presente no nível de hipótese pré-silábica, e perceber que a palavra boi é menor que a palavra formiga é essencial que ela reflita sobre sua fala com a mediação do professor no trabalho com os fonemas.

Com isso o estudante atinge a hipótese silábica, no qual definirá uma letra para cada sílaba da palavra, buscando o avanço para o nível de hipótese alfabética, o docente pode usar letras recortadas para proporcionar reflexão sobre a quantidade de sons e letras nas sílabas. Portanto, “para alcançar hipóteses silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita, os aprendizes precisarão pensar na sequência de partes sonoras das palavras” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.87).

Ao alcançar o nível de hipótese alfabética, o professor enfrenta outro problema que condiz com a Língua Portuguesa: muitas palavras faladas não

correspondem com sua forma escrita. Há uma tendência de falar palavras que terminam com E e O serem substituídas, respectivamente, por I e U ou ser pronunciado U quando palavras possuem L:

O professor deve estar apto a explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras. Assim, no fim das palavras é a letra O que transcreve o som [u], e é a letra E que transcreve o som [i]. Em relação ao fim de sílaba, ocorreu na região em que vivemos uma mudança de pronúncia do L e por isso pronunciamos como [u] essa partezinha da palavra que nossos avós pronunciavam como [l]. (LEMLE, 2009, p. 20).

Mesmo que os aspectos citados acima sejam importantes para a alfabetização, atualmente se exige da escola um avanço na questão da leitura e escrita, pois somente o conhecimento sobre “codificação” e “decodificação” não assegura que os estudantes sejam capazes de produzir e interpretar vários gêneros textuais. Assim, o “conceito de alfabetização passou a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.16) e com isso o professor se defronta com o desafio de alfabetizar letrando.

O letramento demanda a leitura e produção de diversos gêneros de textos que circulem socialmente com o intuito de formar leitores críticos e cidadãos que consigam interpretar vários textos, entendendo sua estrutura e forma de comunicação. “Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.98).

Para que as aulas de alfabetização atendam a estas demandas também, os planejamentos didáticos preveem o convívio com diversos textos e o trabalho com as palavras desses textos, para que reflitam sobre o sistema alfabético como abordado anteriormente:

Assim, acreditamos que, através da atividade de planejar, podemos refletir sobre nossas decisões, considerando as habilidades e os conhecimentos prévios dos alunos, e podemos conduzir melhor a aula, prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática e avaliando os resultados obtidos. (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p. 76)

Para uma atividade de consciência fonológica considerar o nível de hipótese que a criança se encontra, o nível linguístico que a tarefa exige e as mudanças ocorridas na fala é preciso planejamento, reflexão e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é desafiadora para a prática docente e por essa razão esse estudo buscou esclarecimentos de como superar os desafios encontrados neste processo diante da perspectiva do docente.

Ao analisar alguns referenciais teóricos se percebeu que os desafios encontrados ocorrem antes do ensino da leitura e escrita, pois as crianças precisam estar preparadas para a alfabetização. Algumas não possuem pensamento simbólico e organização espacial, assim é necessário que o professor ensine que um objeto pode ser representado por outro, sendo que, na escrita alfabética existe uma ordem específica.

Posteriormente é necessária a compreensão de que as letras representam um som da fala, para isso o professor deve desenvolver com o estudante a consciência fonológica. Ferreiro (2011) afirma que para a criança adquirir a lógica da representação de sons da fala pelas letras, ela elabora hipóteses sobre o sistema de escrita. Assim o professor primeiramente precisa realizar uma sondagem a fim de diagnosticar se a criança está no nível pré-silábico, silábico, silábico-alfabético ou alfabético. Depois se propõe atividades diferenciadas para cada criança conforme seu nível, sendo possível promover a colaboração entre os discentes.

Alfabetizar letrando é outro desafio a se superar que ocorre durante o processo, pois não carece apenas o estudante “codificar” e “decodificar”, ele precisa interpretar e produzir textos de diversos gêneros. Uma possível solução para esse problema é a leitura de diversas variedades textuais em aula e a utilização de palavras encontradas no texto para o trabalho de alfabetização.

Por meio da pesquisa e estudo desenvolvido, se percebe que o tempo para a alfabetização é curto com relação ao estipulado pelas autoras e

referenciais teóricos. Todo o processo requer cuidados, estudos e preparações antes da prática em sala de aula, para que se possa desenvolver o educando conforme suas necessidades. Assim, é preciso um estudo de planejamento das atividades, para que o professor, com o tempo que possui para elaborar as atividades, consiga desenvolver tarefas atraentes, intencionais e, posteriormente, consiga refletir sobre sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José de; FONSECA JR, Fernando Moraes. **Projetos e ambientes inovadores**. Brasília: MEC/SEED, 2000.

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BARRETO, Raquel G. Educ. **Tecnologia e educação**: trabalho e formação docente. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em 17 de abr. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRITO, Glaucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um pensar. 2 ed. Curitiba: Editora Intersaberes, 2015

CAGLIARI. L. C.. **Alfabetizando sem o BÁ-BÉ-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 1998. (Pensamento e ação no magistério).

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009. (Coleção Alfabetização e Letramento na Sala de Aula).

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DEMO, Pedro. **TICs e educação**, 2008

Disponível em <http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br>. Acesso 02 abr. 2020.

DILLON, Andrew. 1996. Myths, Misconceptions and an Alternative Perspective on information Usage and the Electronic Medium. In: REZENDE Flavia, **As novas tecnologias na prática pedagógica sob a perspectiva construtivista**. Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, UFRJ. ENSAIO – Pesquisa em Educação em Ciências Volume 0 2 / Número 1 – Març.2002 Rev. Ensaio | Belo Horizonte | v.02 | n.01 | p.70-87.

ENRICONE, Délcia, *et al*, **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: Sagra, 1993.

FAZENDA, I. C. A. (Org.) **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1997.

FERRAZ, M.H.; FUSARI, M.F.R. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **A Educação como Prática de Liberdade**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. São Paulo: Artes Médicas, 1997.

GATTI, B.A Os **agentes escolares e o computador no ensino**. Revista de Educação e informática. São Paulo, vol. 4, dez. 1993. Edição especial

HERNÁNDEZ, F. e VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

KRAMER, S. **Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e formação docente. São Paulo: Cortez, 2003.

MACHADO, N. J. **Cidadania e educação**. 2ª. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRO, Amélia Escotto do Amaral (org). **Letramento: significados e tendências**. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

MORAES, M.C. **O paradigma educacional emergente**. 6 ed, Campinas 1997

MORAN, José, **Aprendizagem significativa**. Entrevista ao Portal Escola Conectada da Fundação Ayrton Senna, 01/08/2008. Disponível em www.escola2000.org.br/comunique/entrevista/ver.ent.aspx?id=47 . Acessado 08 nov 2018

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessário a educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6ª Ed. São Paulo: Cortez Editora.

NOVOA, A. **Formação de Professores e Profissão Docente**. In: NÓVOA, A.(Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: D.Quixote, 1995.

PACHECO, Samuel Bueno. **Internet: as relações de ensino-aprendizagem no hiperespaço**. Tecnologia Educacional, v.25, n.136, 137, mai/jun/jul/ago.1997.

PEIXOTO, J. **Metáforas e imagens dos formadores de professores na área da informática aplicada a educação**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1479-1500, 2007.

PILETTI, C; Nelson; ROSSATO, Geovanio. **Educação básica: da organização legal ao cotidiano escolar**. São Paulo: Ática, 2010.

REZENDE E FUSARI, Maria F. **TV, recepção e comunicação na formação inicial de professores em cursos de pedagogia**. VIII ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Florianópolis, 1994.

- RIBEIRO, V. M. (Org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.
- SANDHOLTZ, Judith H.; RINGSTAFF, Cathy; DWYER, David. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aula centradas nos alunos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SEBER, M. da G. A **Escrita Infantil: o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula).
- SILVA, Adriana M. P. da et al. **Os diferentes textos em salas de alfabetização**. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Ano 01, unidade 05
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- TARDIF, M.. **Saberes e Formação Docente**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TEDESCO, Juan Carlos. (org.) **Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas?** São Paulo: Cortez, 2004

A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Adriana Maria Viana

RESUMO

A história tem uma importância fundamental para criança com fonte lúdica e de prazer, além de oferecer uma contribuição significativa ao seu desenvolvimento, quem já teve a experiência de contar histórias para o público infantil, sabe perfeitamente que não é possível improvisar. Portanto, o sucesso da narrativa necessita de vários fatores que se interligam, favorecendo assim o desempenho do narrador, como por exemplo, a elaboração de um roteiro para organizar o desempenho do narrador, pois, este irá possibilitar a ele, a naturalidade e a segurança que temos que ter ao contar histórias para as crianças.

Palavras-chave: ludicidade; educação; literatura.

A literatura Infantil tem origem nas narrativas populares europeias, contadas pelos povos antigos; não há uma precisão em datas, mas muitos historiadores acreditam que a mais antiga dessas narrativas, seja uma coletânea de histórias do século V ac, supostamente nascida na Índia, que tem por título “Calila e Dimna”, porém essa coletânea, teria ganhado o mundo somente no séc. VI d.C., por meio de uma tradução persa, e posteriormente foi traduzida para os seguintes idiomas: grego, sírio, egípcio, hebraico, latim e castelhano.

Essas narrativas assemelham-se muito com os contos da mais famosa coletânea de todos os tempos” As mil e uma noites”, estudiosos da área, arriscam dizer que ambas são pertencentes ao mesmo ciclo narrativo, pois como é de conhecimentos de todas essas histórias eram passadas oralmente de geração pós-geração e ao mesmo tempo levadas os lugares distantes, pelos viajantes daquela época, podendo assim ultrapassar o tempo e as distâncias.

As duas coletâneas não somente tentam passar lições de moral e boa conduta (o bem sempre vence o mal), como também coincidem em muitos outros aspectos, tais como, tratam de temas do mundo desconhecido-irreal-fabuloso, explicitando desse modo ao leitor situações surrealistas, aquelas situações abstratas, fora da realidade e do cotidiano humano, portanto incompreendidas dentro do limite da capacidade intelectual do homem.

No século XVII, a criança era vista como um adulto em miniatura, podendo desta maneira participar das atividades apropriadas aos adultos; eram elas: esportivas ou intelectuais, deste modo, não existiam leitura destinada somente à criança, já que, esta perante a sociedade não tinha características próprias da infância, mediante isto, a educação atribuída à criança era a mesma oferecida ao adulto. A única educação diferenciada, era a educação dos filhos da nobreza e os filhos da classe desprivilegiada, os pequenos nobres deliciavam-se na leitura em grandes clássicos; já os filhos dos pobres, a esses lhe restavam ouvir histórias de cavalaria, heróis desconhecidos, lendas ou contos, que eram contadas e recontadas oralmente pelo povo, essas histórias tinham como características uma linguagem simples (popular), tornando sua compreensão fácil; formando assim as primeiras literaturas de cordel.

O século XVIII é marcado por grandes transformações sociais e econômicas, no âmbito social surge uma nova classe denominada burguesia, esta classe buscava estabilidade no poder por meio da intelectualização é nesse período que grandes artistas, pintores e escritores são valorizados, e como é de conhecimento de todos, que a educação é a grande arma de um país, há uma reorganização escolar e, juntamente a essa, a Literatura Infantil floresce.

Considerando Regina Zilberman, em seu comentário sobre o surgimento da Literatura Infantil,

Antes da constituição deste modelo familiar burguês inexistia uma consideração especial para a infância essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente o mundo da criança como espaços separados pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum ato amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união

familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções”. (1981: p 15)

ANGELINI afirma que a Literatura Infantil como a conhecemos hoje nasce com a publicação dos oito contos da Mãe Gansa: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar, textos originários de antigos romances célticos-bretões e de antigas narrativas indianas.

Ainda segundo COELHO (1991) in ANGELINI

“a Mãe Gansa era uma personagem de velhos contos populares, muito familiar aos franceses (mère l’Oye) sua função era contar histórias para seus filhotes fascinados ... , o nome Mãe Gansa passou a se referir a uma velha contadora de histórias;”

Em particular cogitamos que o aspecto literário, conhecido como Literatura Infantil, surge da consolidação da burguesia na sociedade, e é neste momento que nasce a concepção de infância, portanto, esse tipo de literatura neste período, ocorre como um mecanismo de massificação da sociedade proletariado a fim de alimentar a ideologia da nova classe dominante, que impõe o “ENSINO” como instrumento obrigatório, e o livro didático dentro desse quadro social tem como função colaborar para a intensificação dessa ideologia.

É notória a união estreita da Literatura Infantil, a Pedagogia, pois, os educadores da Europa assumiram a responsabilidade de criar uma leitura voltada somente para o público infantil. Podemos afirmar, ainda, que a literatura infantil não pode ser vista como arte, pois nasce com a missão de educar e de transmitir valores.

Concluimos deste modo, que a Literatura Infantil, assume duas características: primeira, a dominação do jovem, no qual assume um caráter pedagógico, transmiti normas que influenciam na formação moral dos futuros adultos; a segunda compromete com o interesse da criança, transforma-se num meio de acesso real, ao domínio linguístico, a novas experiências através das leituras, este segundo aspecto é um componente importante e indispensável no desenvolvimento intelectual da criança.

No Brasil tivemos, escrevendo Literatura Infantil, José Renato Monteiro Lobato, mais conhecido como, Monteiro Lobato, foi ele o primeiro escritor, que teve o respeito e o compromisso para com a infância, pois despertou um mundo de fantasias adormecido no imaginário infantil. Monteiro Lobato com toda certeza, revolucionou a Literatura Infantil, cujo ápice foi “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, pois nascia aí um verdadeiro universo fabuloso destinado à criança.

Segundo Laura Sandroni:

“Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão”. (1987:p 60).

Monteiro Lobato, conseguiu resgatar o universo mágico que existe no imaginário de cada criança, e as fez sonhar com um mundo que só existe nos sonhos infantis, deste modo ajudou muitas crianças na boa formação de caráter, pois suas obras além de conter muita criatividade, retratam o certo e o errado de uma maneira sutil e delicada, que somente quem é criança consegue interpretar Monteiro Lobato não ensinou a criança a sonhar, mas sem dúvida nenhuma deu a elas milhares de novos sonhos.

Nos próximos capítulos deste projeto, iremos abordar temas mais profundamente, como a literatura infantil e os estágios de desenvolvimento psicossocial da criança, a importância da literatura Infantil no processo de aquisição da linguagem oral da criança entre outros.

1 – A importância da Literatura Infantil

Parafraseando a autora Aguiar, Teixeira Vera e Zilberman Regina a literatura é de extrema importância para promover o desenvolvimento da sensibilidade e inteligência.

Acredita-se que o aluno só saberá a importância da leitura, se criar o hábito e sentir o prazer em ler, porque a literatura é a representação de uma cultura. Ou seja, estar em contato com a literatura é aprender um pouco de uma cultura. Então, porque não introduzir desde cedo, antes mesmo do período de alfabetização, a literatura infantil nas escolas?

Por que não ensinar a ler e escrever por meio de histórias? Será que assim não estaríamos formando além de crianças alfabetizadas, leitores, bons escritores e profissionais criativos?

Quanto mais cedo a criança entra em contato com as histórias, com os livros infantis, com o mundo da fantasia ou imaginário, melhor será seu desenvolvimento e mais rápido, desperta para o mundo da escrita e torna-se uma pessoa criativa, reflexiva etc.

Esse hábito deve ser cultivado desde o momento que a criança nasce e continuar na escola. Assim, é o ideal, mas não é essa a realidade brasileira, então recai sobre as escolas a responsabilidade de criar esse hábito, tão saudável em nossas crianças e refletir sobre perguntas anteriores. Sabemos que a literatura infantil pode ser utilizada com o objetivo de impor valores morais nos alunos.

Analisando o parâmetro curricular nacional (PCN – Volume II), observamos que há a importância de o texto literário estar vinculado ao trabalho cotidiano da sala de aula de forma contextualizada, para assim, contribuir para a formação de leitores capazes de “reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias”. (P.38)

Quando falamos de literatura infantil, inicialmente nos remetemos ao passado, lembrando que esta era utilizada como incutidora de bons valores nas crianças e jovens. Atualmente, passados alguns anos, a literatura infantil expande, sendo vista como colaboradora de uma criança leitora, estimulando a escrita e a leitura. Nesse sentido, a literatura infantil tem contribuído com o processo ensino-aprendizagem, sendo uma facilitadora para a apreensão da escrita e leitura. É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado as práticas cotidianas da sala de aula.

2 – A importância da Literatura Infantil no processo da Linguagem Oral da Criança.

“Meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias, aconteceu quando eu era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo bonito todas as noites, antes de eu adormecer como se fosse um ritual... Lembro de sua voz contando “João e Maria” e das várias adaptações que criava em relação à casa da bruxa, sempre construída com todas as comidas de que eu gostava”. (Fanny Abramovich - 1991, p 10).

A literatura Infantil é, ao mesmo tempo, recreação e terapia, suporte de cultura e o mais importante elemento de comunicação, mas, sobretudo um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto.

Alguns especialistas em literatura afirmam que a formação do leitor tem raízes nos primeiros meses de vida, através do convívio com histórias, lendas e poesias, narradas ou lidas pelos pais ou familiares.

Acredita-se que a própria voz do pai e da mãe durante o contar histórias supre a criança de efetividade diária, que possivelmente irá minimizar algum conflito associado em seu crescimento, construindo desse modo um adulto calmo, reflexivo, além disso, a leitura desenvolve a criatividade de uma criança.

A literatura é, sem dúvida a forma de recreação mais importante na vida da criança. Ouvindo histórias, dizendo um poema, lendo, dramatizando, encenando uma peça de teatro, de todas essas maneiras a criança, desde os 3 anos está divertindo-se em seu mundo afetivo, através de símbolos, e liberando seus impulsos.

A criança que desperta para o mundo e para a vida, está ávida por descobrir e entender, e essa curiosidade, esse deslumbramento, esse mistério que a cerca vão aproximá-la do mundo dos símbolos. A criança busca desvendar e compreender tudo que estimula a sua curiosidade, dando motivação ao seu crescimento.

O importante na Literatura é interessar a criança sob todos aos aspectos: intelectual, emocional, social ou ambiental, psicológico, por esta razão, dar qualquer leitura a uma criança, sem conhecê-la, poderá tornar-se prejudicial. Portanto é preciso conhecer o livro (a leitura) que será dada à criança, porque muitas histórias podem passar a ela preconceitos e mentiras, ou seja, conceitos não ortodoxos, perdendo assim, o lado pedagógico que está implícito na leitura de um livro.

A leitura é o meio mais eficaz de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, é um passaporte para a vida e para a sociedade.

Levar a criança a ler, apenas, não é o bastante para formar o hábito da leitura o que permanece e acompanha a criança ao longo da vida, como uma fonte de prazer, pois é preciso conscientizá-la dos valores que ela desperta, tornando a leitura mais interessante aos olhos da criança. Assim, para que uma história prenda a atenção da criança é preciso despertar sua curiosidade, estimulando sua imaginação.

Quanto ao aspecto físico é necessário oferecer as crianças as mais diversas matérias de leitura, o professor deve transformar a sala de aula num ambiente estimulante,

com as mais variadas situações, em que a criança possa manifestar livremente a compreensão e os questionamentos que faz a partir da leitura de textos literários.

Por isso, o professor deve contar histórias criando assim um clima efetivo e de aproximação entre as crianças.

Ao ler uma história, o professor também proporciona esta aproximação a vantagem de o texto trabalhar com a linguagem e produção literária, permitindo que a criança conheça o fascinante mundo da Literatura Infantil.

Através da leitura de histórias pelo professor, a criança deve ser incentivada a se manifestar, a participar ativamente fazendo perguntas, comentários e interpretação oral da história.

Ouvindo história, tomando contato com livros de Literatura Infantil, a criança apresenta interesse pela leitura e produção de texto.

É importante que o professor selecione Livros Infantis no nível de interesse das crianças, e ao mesmo tempo incentive-as a escolher livremente sua leitura para que, aos poucos possam fazer a seleção, tendo liberdade de fazer a sua própria leitura.

É através da leitura que nos tornamos verdadeiros leitores. Assim percebendo, ouvindo histórias é que as crianças conseguem expressar suas emoções, sentimentos, angústias e medos.

Falar sobre a Literatura Infantil é fundamental para a criança neste processo de descobertas e aquisição de conhecimentos, pois possibilita a criança condições necessárias e adequadas para que possa vivenciar de forma imaginária papéis variados da vida humana, assim como personagens irreais que a ajudam a compreender conflitos psíquicos, desta forma o livro infantil servirá como suporte ao professor para trabalhar conteúdos diversos.

Ler é saber compreender, extrair da página impressa todo o conhecimento, toda a satisfação e riqueza que a leitura possa proporcionar: desde a fase inicial da criança, a professora deve cuidadosamente atingir as leituras de forma espontânea, para que a criança sinta segurança ao falar o que pensa e o que sente.

Deve haver uma preocupação sempre crescente não só pelo que a criança lê, mas também, pelo que a leitura lhe possa proporcionar.

Procurando sempre trabalhar e analisar a importância da leitura no desenvolvimento da criança, que é o de aumentar a contribuição na aprendizagem infantil, na linguagem oral da criança. É uma atividade própria da infância podendo se desenvolver de maneira

individual ou coletiva, contribuindo desta forma com a socialização através das reações com o seu “eu” e tudo que a cerca.

3 – Poesia e Criança

“A particular beleza de um estilo está na força da expressão livre, várias ousada, figurada, que não define abstratamente o objeto, mas lhe suscita a imagem”. (Haroldo de Campos)

A primeira manifestação Literária se dá pela poesia, é através dela que todas as literaturas são iniciadas. Não há poesia sem literatura, assim como não existe literatura sem poesia. E a poesia, que é construída pelo homem, mostra toda sua expressão afetiva, mostra a sua sensibilidade perante a natureza, e ao seu semelhante. A mensagem mais profunda que o homem criou é a poesia.

Privar a poesia na vida da criança, e expurgar a atividade mais rica, que ela poderá realizar, já que a contemplação emocional, as expressões da beleza em si, são transfigurações da realidade objetiva ou subjetiva, e estas são características que somente a poesia contém; ou seja, “A linguagem mais viva da alma, que retrata todo o interior de um ser é a poesia”.

A criança é rica em imaginação, é capaz de construir um mundo interior e um universo cheio de mistérios, e isso é definido pela psicologia de realismo infantil, na qual, ela cria um jogo e suas regras, sem perder de vista sua própria realidade presente, devido essa capacidade de criação, é que a criança se iguala a um poeta, pois eles são os maiores criadores de mundos paralelos, e somente eles assim como, as crianças conseguem penetrá-los. E nosso dever é incentivá-la a esse realismo-infantil, para que elas possam confrontá-lo com os aspectos da realidade próxima, pois a poesia não se deve jamais desligar-se da vida real.

Na literatura Infantil, fantasia e razões compactuam entre si, e ambas se enriquecem e aproximam-se mutuamente, pois a criança tende a associá-las e harmonizá-las genialmente uma outra, já que, fantasia e realidade satisfazem a sua alma de artista.

O hábito de ler poesia é benéfico ao aprimoramento das emoções e da sensibilidade, ele aguça e multiplica o prazer da beleza, e é capaz de levar o ser humano a visualizar elementos sonoros, podendo até mesmo senti-los, então através disto, ele recriará novos mundos, novas sensações, e o ato de criar e recriar faz parte do universo

infantil, e somente a criança com sua imaginação fértil é capaz de ver a sonoridade da imagem dançando livre, onde o pensamento liberta-se para um universo analógico de infinitas recriações, e isso é fundamental no desenvolvimento cognitivo e psico-intelectual, pois estimula o crescimento de seu raciocínio lógico.

Além de expressar todo valor sentimental da palavra, a poesia explora todos os recursos da metáfora descobrindo desta maneira a magia que a língua possui, com isso ela fornece à criança a riqueza da linguagem, a versatilidade da mesma, o estético. Portanto ela é responsável na educação da sensibilidade, na arte de ouvir, contribuindo desta maneira para o aperfeiçoamento do ritmo frásico, para a leitura na rima e na prosa.

A poesia usa a linguagem figurada como: símbolos, imagens, comparações e não constitui barreiras para as crianças, desde que ela seja preparada e orientada pelo professor, levando em conta as proporções e interesses que dizem respeito ao desenvolvimento mental da criança, dando-lhes poesia com assuntos que elas se identifiquem.

Não devemos desvalorizar a poesia infantil achando que não é interessante para a criança. É preciso sim, mostrar e divulgar a importância e seu valor na formação do educando. Ela desenvolve o intelecto, a rima, excelente no processo de memorização, tornando-o até agradável aprender a jogar com as palavras. A poesia emociona, sugere valores estéticos possibilitando o enriquecimento cultural.

Alternando prosa e poesia é um meio de variar e quebrar a monotonia de um só tipo de leitura, a linguagem significativa intelectual.

O Objetivo deste é estabelecer um elo entre: criança, literatura e poesia, ressaltando o valor artístico-recreativo, formativo e didático da poesia, e esta por sua vez parte da Literatura Infantil.

4 – A arte de Contar Histórias

“Ler para mim sempre significou abrir todas as comportas para atender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência dos personagens... Ler foi sempre maravilha gostosuras, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso! “ (Fanny Abramovich, 1991, p.14).

A história Infantil, por ser uma arte, possui segredos e técnicas. Ao mesmo tempo trabalha com a palavra prerrogativa, cultivando dessa forma o gosto da criança pela

história e ao mesmo tempo reconhece a importância dessas, para elas, porque a criança descobre palavras novas, entra em contato com a música e a sonoridade das frases e dos nomes, através da captação do ritmo, da cadência contidas no conto infantil que flui aos pequenos ouvintes como uma canção calma e relaxante, já que a imaginação é despertada suavemente, conduzindo seu ouvinte a sonhar com um mundo cheio de magia, pois, a história Infantil brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas e com o jogo da palavras.

Ler Histórias Infantis para as crianças, é dar a elas ricas experiências, como, sorrir, rir, gargalhar, com situações e acontecimentos presentes nesse tipo de narração. E um ato que conduz a criança à aprendizagem, através da brincadeira e do divertimento.

A história tem tanta força, que narrador e ouvintes andam juntos na trilha do enredo, em que ocorre uma vibração recíproca de sensibilidade, a ponto de fazer com que ambos esqueçam o ambiente que se encontra e deixam-se envolver-se plenamente pela imaginação, pelos personagens, pelos acontecimentos, sem perder de vista o senso crítico estimulado pela história que está sendo contada.

Incita o imaginário, a curiosidade da criança que se identifica com os personagens, devido a isso que ela consegue esclarecer suas próprias dificuldades ou encontra um caminho para a resolução deles, porque a história possibilita um mundo imenso de conflitos, impasses comuns a todos, e ao mesmo tempo cria novas ideias, podendo assim solucionar seus temores. Ela é tão envolvente que aguça o paladar, o olfato, a visão, porque, transcende o real e o fictício.

A história tem uma importância fundamental para criança com fonte lúdica e de prazer, além de oferecer uma contribuição significativa ao seu desenvolvimento, quem já teve a experiência de contar histórias para o público infantil, sabe perfeitamente que não é possível improvisar. Portanto, o sucesso da narrativa necessita de vários fatores que se interligam, favorecendo assim o desempenho do narrador, como por exemplo, a elaboração de um roteiro para organizar o desempenho do narrador, pois, este irá possibilitar a ele, a naturalidade e a segurança que temos que ter ao contar histórias para as crianças.

Este roteiro é fundamental, porque transforma o improviso em técnica, pois une a teoria à prática.

O primeiro passo consiste na escolha da história, muitas vezes a linguagem escrita, ainda requer adaptações verbais para facilitar o entendimento e a compreensão, também é preciso torná-la mais ativa, dinâmica e mais comunicativa.

A escolha da história requer ainda que se faça uma seleção inicial, levando sempre em conta, o ponto de vista literário, a faixa etária, o interesse dos ouvintes e suas condições sócias econômicas. Recomenda-se ainda nesse primeiro passo muita cautela nessa pesquisa dos livros, por isso a pressa nesse caso se faz inimiga da perfeição, como diz esse velho ditado popular: pois além de encontrar a história adequada à faixa etária e ao interesse infantil, e aos objetivos específicos, é preciso levar em conta o estilo pessoal do narrador, pois se a história não despertar a sensibilidade, a emoção, o narrador não irá contá-la com sucesso, pois ela será transmitida à criança com certa frieza, portanto, é preciso gostar e compreender aquilo que se está lendo, pois é através da emoção daquele que está narrando que o ouvinte irá sentir todas as sensações, que o enredo transmite a sua imaginação. Portanto, o bom leitor de histórias infantis, tem que ter a sensibilidade de saber dar pausas, criar intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança, para que ela possa construir seu cenário, visualizando seus monstros, princesas, bruxas, o tamanho do gigante etc. É bom evitar descrições imensas e cheias de detalhes, deixando o campo aberto para a imaginação da criança, além disso, ela quer ouvir mais diálogos, ações, acontecimentos. Também é saber usar as modalidades e possibilidade da voz, sussurrar quando o personagem falar baixinho ou estiver pensando em algo importantíssimo, e levantar a voz no momento de algazarra.

O leitor jamais pode pegar o primeiro volume antes de conhecê-lo, pois a criança é um ouvinte esperto e atento, portanto logo notará que seu leitor não está familiarizado com que está lendo, ou então pode-se encontrar palavras inadequadas deixando a pessoa que lê envergonhada. Muitos textos trazem um conceito de ética distorcido, passando ao ouvinte mentiras, preconceitos sociais. É importante que as crianças vejam as figuras que os livros trazem impressos, porque as ajudam a captarem melhor aquilo que estão ouvindo, além disso, os desenhos coloridos chamam-lhes a atenção.

A conotação da história é fundamental, pois, o famoso “Era Uma Vez” funciona com uma senha mágica, que abre uma passagem mágica, para um mundo fantasioso, portanto, não se pode começar uma leitura de outra forma, porque, certamente irá quebrar toda a magia que a história possui.

5 – A faixa Etária e Interesses das Histórias Infantis

O mais importante ao fazer à seleção das histórias, é a predominância dos interesses dos ouvintes em cada faixa etária.

Ao pensar em contar uma história, precisa-se saber se o assunto que irar tratar será bem trabalhado, se é original, se contém riqueza de imaginação, se é interessante ou de agrado da criança.

Os recursos onomatopaicos e as repetições contribuem para tornar a história mais interessante, além de fortalecer as expressões. Portanto, a linguagem deve ser simples, correta, de bom gosto, deste modo, é inadmissível uma linguagem vulgar, e rebuscada; geralmente uma boa história agrada a todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante lembrar, que para as crianças pequenas, as narrativas devem respeitar suas peculiaridades em relação ao seu estágio emocional, porque as histórias são alimentos a imaginação e precisam ser dosadas de acordo com o crescimento da sua estrutura psicoemocional, e as crianças assimilam as histórias de acordo com o seu desenvolvimento cerebral, ou seja, por um sistema muito mais delicado que os outros, e muito especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELINI Rossana M. **A Literatura Infanto - Juvenil**. Apostila de aula – Disciplina: Linguagens e Expressões em Educação – UNIP 2008

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Edit. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1980.

COELHO, Nelly N. **O Conto de Fadas**. São Paulo: Ed. Ática, 1991

FREIRE Paulo: Conscientização. **Teoria e Prática: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 1^o Edição. São Paulo-SP. Ed Moraes, 1996.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as Reinações Renovadas**. 1^a Edição. São Paulo, SP, 1987.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Individuação nos Contos de Fadas**. Edit. Paulus, São Paulo, 1980.

ZILBERMAN Regina. **Leitura: Práticas, impressos, letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

